

JOGOS DIGITAIS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES SOBRE UMA VIVÊNCIA NA CLASSE ESPECIAL

DIGITAL GAMES IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL:
REFLECTIONS ON AN EXPERIENCE IN THE SPECIAL CLASS

Letícia Aparecida Fabiane¹

Vantielen da Silva Silva²

RESUMO

A presente pesquisa é um estudo acerca da Educação Especial e Inclusiva, com proposta de intervenção com jogos digitais na Classe Especial dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O texto a seguir é composto pela revisão bibliográfica acerca das leis e discussões da Educação Especial e Inclusiva, situando a implementação da Classe Especial como iniciativa de uma cidade do interior do Paraná em algumas escolas. O relato inclui a observação e vivência de uma Classe Especial, propondo a interação destes alunos com jogos e recursos digitais. Concluímos que a Classe Especial é uma iniciativa de integração para depois inclusão destes alunos, de modo a atender a demanda das necessidades educacionais especiais apresentadas. A turma participou das atividades propostas como jogos digitais de modo satisfatório, atendendo aos objetivos propostos com interesse e entusiasmo.

Palavras-Chave: Classe Especial. Educação especial. Educação inclusiva. Intervenção pedagógica. Jogos digitais.

ABSTRACT

This research focuses on Special and Inclusive Education, proposing an intervention with digital games in the Special Education Classrooms with students of the early years of Elementary School. The following text consists in a bibliographic review of laws and discussions on Special and Inclusive Education, situating the implementation of the Special Classrooms as an initiative of some schools in a city of Paraná State. The report includes observation and experiences in a Special Education Classroom, proposing the interaction of these students with games and digital resources. We conclude that the Special Class is an initiative for integration and subsequent inclusion of these scholars, in order to respond to their special educational needs. The students participated satisfactorily in the proposed activities, such as digital games and others, achieving the proposed objectives with interest and enthusiasm.

Keywords: Special Education Classroom. Special Education. Inclusive Education. Pedagogical Intervention. Digital Games.

1 Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação (SEED), Guarapuava-Paraná. Especialista em Educação Digital nos anos iniciais do ensino Fundamental pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Guarapuava, Paraná, Brasil. lelezinha_AF@hotmail.com.

2 Doutora em Educação. Docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná, Unespar, campus Paranaguá. vantielen.silva@unespar.edu.br. <https://orcid.org/0000-0002-9317-7723>

INTRODUÇÃO

As discussões sobre Educação Especial e Inclusiva e o papel da Classe Especial nos anos iniciais do Ensino Fundamental têm sido objeto constante de pesquisa, considerando a necessidade de inovar e aprimorar as práticas pedagógicas. No município de Guarapuava existe a implementação de Classes Especiais em 4 (quatro) escolas que compreendem os anos iniciais do Ensino Fundamental e, também, a Educação Infantil destinada a crianças de 4 e 5 anos.

A oferta da Educação Especial em classes distintas tem como objetivo a inclusão das crianças matriculadas e a possibilidade de reintegração ao ensino regular. Alguns alunos que fazem parte da Classe Especial nessas escolas, anteriormente, frequentavam o ensino regular e não estavam avançando e se adaptando nesse contexto; alguns acabavam apresentando crises constantes dentro da sala de aula, precisando ser levados para outros ambientes da escola. Por necessitarem de um ambiente mais específico de acordo com as necessidades especiais apresentadas, pensou-se em oferecer a Classe Especial na escola comum.

Considerando o mencionado anteriormente, foram criadas Classes Especiais, considerando o número máximo de dez alunos e o ambiente específico de modo a atender às necessidades de aprendizagem apresentadas.

A Classe Especial é uma sala de aula em escola do Ensino Regular, em espaço físico adequado com equipamentos e materiais específicos, às peculiaridades dos alunos, onde o/a professor/a habilitado ou especializado na área de educação especial utiliza métodos, técnicas, procedimentos didáticos e recursos pedagógicos especializados, conforme a série do Ensino Fundamental. (Guarapuava, 2024a, p. 95)

Diante desse cenário, por atuar em uma Classe Especial, optou-se por realizar uma intervenção pedagógica com jogos digitais na Classe Especial de uma escola municipal de Guarapuava. Tal intervenção justifica-se pela identificação da problemática existente no grupo distinto dos alunos e por compreender que eles interagem de modo satisfatório com a tecnologia, tornando essa proposta significativa para eles.

Em meio às vivências como professora, observou-se que muitos dos alunos chegam na escola com pouca convivência, e esse é um dos primeiros desafios a serem enfrentados pelas crianças e por todos os profissionais responsáveis. Alguns alunos que frequentam a Classe Especial não sabem lidar com as emoções e passam por crises, tornam-se agressivos, muitas vezes representando um risco para si, para a equipe e para as outras crianças. Já aconteceu, por exemplo, de um aluno pegar uma tesoura para atacar a coordenadora pedagógica, mas ele foi contido pelo pai que chegou a tempo. Sabe-se que não se trata de um ato de maldade, e sim do fato de que estão aprendendo a regular-se e a expressar-se emocionalmente.

Diante disso, sentimento de insegurança e medo se fazem presentes quando estes alunos iniciam os anos letivos, mas com o passar do tempo, com paciência e aceitação, percebemos que esses alunos têm muitos avanços, principalmente no convívio social. Quando são inseridos no processo de escolarização, alguns deles não suportavam ficar perto de outras crianças, agora eles conseguem formar uma fila com as demais turmas,

participam do lanche no refeitório junto com outras crianças. Alguns avançaram na leitura e escrita, de modo lento, mas significativo, e uma das alunas com deficiência intelectual já está no processo de reintegração ao ensino regular. Percebemos que as realidades encontradas vão nos mostrando as necessidades, as adaptações, e aos poucos vamos superando obstáculos e desafios, com força de vontade e respeito ao tempo de cada aluno.

Com o passar do tempo, a organização do ensino da Classe Especial foi sendo modificada. Os alunos têm uma professora regente com especialização em Educação Especial e, atualmente, são atendidos por cinco 5 professoras de apoio que trabalham História, Geografia, Ensino Religioso, Educação Física e Tecnologia Educacional. Cada uma das professoras leciona uma aula por semana.

Como professora de Tecnologia Educacional, a problemática levantada para esta investigação é a proposta de trabalho com jogos digitais, que auxiliam na aprendizagem dos alunos que frequentam a Classe Especial.

Vale destacar que não há um planejamento curricular específico para este público, a professora regente elabora um PEI (Plano Especializado Individual) em que relata a deficiência, os laudos, as estratégias de ensino para cada aluno. Para nós, que frequentamos a Classe uma vez na semana, somos desafiados a perceber no convívio com os alunos, as suas necessidades especiais de aprendizagem e proporcionar a interação com jogos, que despertem neles a superação de desafios e obstáculos, resolução de problemas, pensamento computacional, interação com artefatos computacionais, propostos pelo nosso Referencial Curricular na Competência Computação do Município (Guarapuava, 2024b). Partimos da programação básica, com o objetivo de que eles compreendam sequências de comandos, o que é fundamental para sua aprendizagem também de leitura e escrita e para as diferentes situações de suas vidas.

No Referencial Curricular do município de Guarapuava, é defendido o direito das pessoas com deficiência de frequentarem espaços públicos e gratuitos, com suas necessidades especiais atendidas, afirmando-se também o direito ao atendimento em classes especiais, escolas e serviços especializados. O objetivo, segundo o mesmo documento, é promover o desenvolvimento da formação integral da pessoa, sempre estimulando sua autonomia e sua integração social.

Sobre as ações, o documento explicita:

[...] as práticas da escola dependem de um compromisso coletivo de professores, gestores, pais e da sociedade em geral, interessadas em estabelecer no seu cotidiano formas mais solidárias e plurais de convivência para que os alunos tenham assegurado o direito de aprender. (Guarapuava, 2024a, p. 25)

Garantir que a inclusão aconteça depende de um conjunto de fatores políticos e sociais. Trata-se, portanto, de um trabalho coletivo. É necessário, primeiramente, que a família reconheça que seu filho tem dificuldades e necessita de apoio especializado, para que o encaminhe aos centros de atendimentos, aos profissionais especializados e à escola regular para inclusão. Todos precisam ter muita paciência diante dos obstáculos da inclusão, que envolvem: contratação de pessoas qualificadas e profissionais de apoio, infraestrutura física para melhor mobilidade de alguns alunos e superação das barreiras do conhecimento,

por meio da formação continuada dos professores. Muitas vezes, é preciso criar estratégias e materiais pedagógicos para atender às necessidades do dia a dia.

Infelizmente, vivemos atualmente a falta de professores. Muitos estão se aposentando, e o interesse pela profissão tem diminuído significativamente. Mesmo aqueles que assumem concursos acabam desistindo. Os estagiários, que são contratados para atender aos alunos incluídos, também muitas vezes desistem ou, mesmo realizando um bom trabalho, são contratados temporariamente e, quando seus contratos vencem, acaba faltando gente novamente.

Diante de tudo isso, mesmo com todas as dificuldades e obstáculos, precisamos continuar refletindo e buscando alternativas de acordo com nossas possibilidades e realidade. Trazer essa reflexão é de fundamental importância e relevância para a prática profissional, partilhando os desafios e apresentando uma proposta de vivência na Classe Especial do Ensino Fundamental. O tema escolhido para a intervenção pedagógica vem de encontro a tudo que já foi apresentado na problemática acima. Pretende-se, portanto, que, por meio da interação com os alunos, via jogos, eles saibam identificar e falar sobre suas emoções, auxiliando, dessa forma, no convívio social e emocional dos alunos.

A pesquisa apresentada, portanto, é resultado de uma intervenção pedagógica em uma Classe Especial, com foco na Educação Digital. Constitui-se de um estudo bibliográfico sobre o tema e, também, da descrição das ações pedagógicas.

EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O CONTEXTO VIVIDO

Com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996, p. 19) a Educação Especial é considerada como uma modalidade de ensino, “oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação”.

A afirmação de que a Educação Especial deve ser ofertada preferencialmente na rede regular de ensino converge com a defesa de que a educação é um direito de todos. É direito de todos frequentar os espaços sociais, a começar pelo sistema de ensino na escola regular, tendo adaptações de acordo com as suas necessidades. A lei garante que haverá serviços de apoio especializado na rede regular de ensino para atender à demanda da Educação Especial e que, quando em função das condições especiais, não for possível a integração em classes comuns do ensino regular, o atendimento especial deve ser feito em classes escolas ou serviços especializados.

Neste contexto, a lei ainda apresenta que para o sistema de ensino aos educandos deverão ser assegurados por professores especializados, os currículos, métodos e técnicas específicos às suas necessidades e professores do ensino regular capacitados para integração destes estudantes em classes comuns.

A Educação Especial e Inclusiva, segundo Rogalski (2010, p. 3) é considerada como “Educação de pessoas com deficiência, seja ela mental, auditiva, visual, motora, física múltipla ou decorrente de distúrbios evasivos do desenvolvimento, além das pessoas superdotadas que também têm integrado o alunado da educação especial”.

De um modo geral a Educação Especial, segundo Rogalski (2010) é integrada como parte de preocupação da sociedade civil, tendo em vista às necessidades apresentadas, a partir de 1930, sendo que neste período, o governo não assume este tipo de educação contribuindo primeiramente com a criação de entidades filantrópicas.

Com o surgimento das APAEs tem-se um aumento das escolas especiais e após a Segunda Guerra Mundial, no Brasil, “os deficientes sempre foram tratados nesta área, porém agora surgem clínicas, serviços de reabilitação psicopedagógicos, alguns mais, outros menos, voltados à educação” (Rogalski, 2010, p. 4).

Montoan (2004, p. 29) defende

É preciso insistir no fato de que as escolas não dão conta das condições necessárias às mudanças propostas por uma educação aberta às diferenças[...] A sustentação de um projeto escolar inclusivo implica necessariamente mudanças em propostas educacionais da maioria das escolas e em organização curricular idealizada e executada, pelos seus professores, diretor, pais, alunos e todos os interessados em Educação, na comunidade em que a escola se insere.

É importante destacar, considerando esta afirmação, que a realidade do ambiente e o meio, bem como o envolvimento de todos, são o que faz acontecer, de fato, a inclusão desses alunos no meio escolar e social. As ações devem ser coletivas e fazer parte do Plano Político-Pedagógico das escolas. Dessa forma, segundo Montoan (2004), a organização curricular deve ser composta não por serialização, mas por ciclos de formação, conforme o desenvolvimento do ensino.

Os ciclos permitem que o aluno transite em um dado nível de ensino sem reprovações, sem encaminhamentos e desvios para o ensino especial. Instaura-se uma nova lógica organizacional em que o processo escolar não fica limitado exclusivamente aos avanços cognitivos dos alunos, em que o tempo escolar é valorizado como uma etapa da vida do educando, concorrendo para a formação de sua personalidade como um todo. (Montoan, 2004, p. 29)

No Projeto Político-Pedagógico da escola em que se realizou a intervenção pedagógica encontramos que as ações pedagógicas da Classe Especial visam o acesso ao currículo na Base Nacional Curricular Comum (Brasil, 2018), este que deve ser complementado em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar. Logo, observa-se preocupação com a adaptação curricular.

A adaptação curricular é essencial para atender às necessidades específicas de cada estudante, pois ao flexibilizar os conteúdos, metodologias e avaliações, a escola garante que todos tenham acesso ao conhecimento e possam se desenvolver integralmente. A educação inclusiva é um marco na história da educação brasileira, garantindo o direito de todos à aprendizagem, independentemente de suas diferenças. Como educadores, temos um papel fundamental nesse processo, que é promover um ambiente escolar acolhedor e desafiador para todos os nossos alunos. Essa prática garante que todos tenham a oportunidade de desenvolver suas habilidades e alcançar o sucesso escolar. (PPC, 2024, p. 49)

Considerando a importância da diversidade nas propostas educacionais, ainda, a proposta da escola se alinha com a BNCC, “considerando um mundo digital em constante evolução, compreendendo que a capacidade de lidar com a tecnologia e seus princípios é essencial para participação plena e produtiva em sociedade” (PPC, 2024, p. 94).

Na Educação Especial e Inclusiva, seja no ensino regular ou na classe especial, são previstas práticas de linguagem específicas do mundo digital, cultura digital, pensamento computacional em programação, com o objetivo de possibilitar que os alunos utilizem os recursos digitais de modo responsável e consciente, adquirindo também conhecimentos e habilidades de resolução de problemas por meio de sequência de comandos, que são importantes para a vida em sociedade. Assim, o uso pedagógico das tecnologias incentiva “o desenvolvimento de habilidades digitais nos/as estudantes, a promoção da cidadania digital responsável e a utilização de recursos tecnológicos para melhorar o processo de ensino-aprendizagem” (PPC, 2024, p. 95).

SOBRE A CLASSE ESPECIAL NOS ANOS INICIAIS

A Classe Especial funciona como uma sala de aula em escola do ensino regular, constrói-se um ambiente acolhedor e com materiais específicos para atender às diferentes necessidades especiais, de acordo com as deficiências e dificuldades apresentadas. O profissional habilitado utiliza métodos e técnicas, procedimentos didáticos e materiais adaptados.

Para o ingresso na Classe Especial, o aluno passa por avaliação psicoeducacional realizada no centro de atendimento especializado do município (Guarapuava, 2024a).

Para a ação pedagógica nas classes especiais, além do acesso ao currículo da Base Nacional Comum (Brasil, 2018), podem-se adotar diferentes adaptações, de acordo com as necessidades apresentadas pelos alunos. Os alunos podem ser reavaliados e reintegrados no ensino regular.

Convencionou-se que o tempo máximo de permanência do/a aluno/a em classes especiais seja de dois anos, mas, se for necessário um tempo maior, a equipe de ensino faz um estudo de caso para tomada de decisão. Se for adequado, poderá ser encaminhado para reavaliação. (Guarapuava, 2024a, p. 95)

Por este motivo, a professora especialista responsável pela Classe Especial deve preencher um PEI (Plano de Ensino Individualizado) trimestralmente de modo a relatar o acompanhamento e as necessidades destes alunos. Neste plano, na primeira parte consta a identificação dos alunos, escolaridade, tipo de deficiência apresentada, conforme os laudos. Também aborda dados informados em entrevista com o responsável da criança, há indicações sobre abordagem clínica e educacional.

No PEI é apresentado um planejamento pedagógico trimestral, no qual o professor deve relatar a área específica e dentro desta área elencar: objetivos propostos; conteúdos, considerando o currículo escolar; estratégias; intervenções pedagógicas e recursos de acessibilidade. Por último, deve ser construído um Relatório de Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem contendo registros sobre o desenvolvimento pedagógico do aluno.

A avaliação, portanto, acontece de forma contínua, de maneira a estabelecer um contato entre os profissionais clínicos, psicopedagogos e professores responsáveis pelo atendimento destes alunos.

A avaliação é contínua, pois é um meio de registrar o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos.

Os resultados de análise qualitativa obtidos deverão oferecer indicações sobre as possibilidades de novos encaminhamentos pedagógicos para o/a aluno/a. Para que este/a aluno/a possa reingressar para a classe de Ensino Regular, será feita uma avaliação classificando o ano para o qual deverá retornar, onde passará a ser incluso/a devido às suas necessidades educacionais especiais. (Guarapuava, 2024a, p. 95)

A sala de aula observada é composta por alunos com distintos perfis de desenvolvimento e aprendizagem. Entre os casos presentes, a partir de conversa informal com a professora regente de turma, destaca-se: (I) Aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), apresenta baixa verbalização e em alguns momentos demonstra interesse em participar das atividades propostas, mas em outros não se envolve, necessitando de estímulos específicos e de uma abordagem flexível; (II) Aluno com Deficiência Intelectual (DI), possui grande dificuldade em atividades de leitura e escrita, especialmente na área de Língua Portuguesa. Seu progresso é lento e requer intervenções contínuas e personalizadas; (III) Aluno com Síndrome de Down, não verbal, enfrenta desafios significativos na aprendizagem e na comunicação. A interação com colegas e com o conteúdo escolar é bastante limitada, exigindo estratégias visuais, repetitivas e com apoio físico e emocional constante.

Em alguns casos, os alunos apresentam dificuldade de autorregulação emocional, podendo apresentar comportamentos impulsivos e dificuldade de manter foco. Frequentemente acontece de os alunos entrarem em surto, não conseguindo autorregular-se sozinhos, nesses casos eles podem ficar agitados, gritar, agredir os outros e precisam de intervenção para autorregular-se. A professora precisa intervir constantemente, às vezes tirando da sala, chamando sua atenção para voltar ao foco de modo que o aluno se acalme, para garantir a segurança de todos e o andamento da aula.

Na referida classe, é possível identificar a existência de muitos desafios aos educadores, dos quais pode-se destacar: adaptação de atividades individualmente, considerando o nível de desenvolvimento de cada aluno; lidar com comportamentos imprevisíveis, crises e resistência às tarefas; criar um ambiente seguro e acolhedor que favoreça o bem-estar emocional e a autoestima dos alunos; buscar constantemente novas formas de ensinar o mesmo conteúdo, de forma repetitiva e com diferentes alternativas, para garantir retenção do aprendizado.

Para garantir um ensino de qualidade e respeitar as especificidades da turma, são adotadas diversas estratégias: elaboração de atividades diversificadas, com apoio visual, concreto e sensorial; repetição constante dos conteúdos, com variações de abordagem e uso de recursos lúdicos; estímulo à autonomia, com acompanhamento próximo e respeitoso; organização de uma rotina clara e previsível, que oferece segurança e conforto emocional; promoção de um ambiente acolhedor, em que os alunos se sintam valorizados e parte da escola, mesmo com suas diferenças.

Trabalhar em uma classe especial é desafiador, pois exige paciência, dedicação e flexibilidade constante. Os avanços são mais lentos, muitas vezes imperceptíveis a curto prazo, mas cada pequeno progresso é uma grande vitória no desenvolvimento desses alunos. Por isso, a sala de aula especial deve ser um espaço diferenciado, estruturado com acolhimento, respeito e estratégias específicas. Mais do que ensinar conteúdos, a missão da classe especial é oferecer um ambiente onde os alunos se sintam pertencentes, respeitados e capazes.

A educação digital, neste contexto, tem um papel fundamental na aprendizagem destes alunos. Nesta Classe Especial, cada aluno tem um tablet para que possa ser utilizado no processo de ensino e aprendizagem.

Os alunos apresentam interesse, motivação nas aulas utilizando os recursos digitais, pois estes oferecem estímulo visual, sonoro, permitindo manter a concentração, raciocínio e pensamento computacional para passar as fases dos jogos, estímulos que motivam os alunos a não desistirem, pois o jogo permite voltar e refazer o que não deu certo, consequentemente auxiliando na assimilação dos conteúdos.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA

A referida escola, objeto de pesquisa e implementação do Plano de intervenção pedagógica, atende aos alunos do bairro em que se encontra localizada e dos bairros vizinhos, bem como as crianças que residem no campo, nas comunidades situadas próximas à escola, os quais utilizam transporte escolar subsidiado pela Prefeitura Municipal.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPC, 2024), nos últimos anos houve um grande investimento no bairro, oferecendo à comunidade uma maior estrutura do comércio e centro de atendimento à saúde e educação com o desmembramento da Escola Estadual, que antes era atendida utilizando o mesmo espaço da escola Municipal.

No que se refere às questões socioeconômicas, os moradores locais cujos filhos frequentam a escola “possuem residência fixa e trabalham com carteira assinada, com renda entre 1 a 2 salários-mínimos. As residências dos alunos em sua grande maioria possuem água encanada, energia elétrica, rede de esgoto e internet” (PPC, 2024, p. 7).

Os alunos que frequentam a Classe Especial vêm de diferentes bairros, com transporte escolar subsidiado pela Prefeitura Municipal. A escola dispõe de uma sala equipada com diferentes recursos, a maioria deles confeccionados pela professora especializada, para atender à demanda apresentada de necessidades especiais.

A turma é composta por dez alunos que apresentam na sua maioria DI (Deficiência Intelectual) e atrasos no desenvolvimento cognitivo. Cada aluno é distinto e necessita de apoio pedagógico específico associado aos vários acompanhamentos clínicos como fonoaudiologia, terapia, psicólogo, psicopedagógico entre outros.

De acordo com seus laudos, podemos destacar que a turma é composta por: aluno com CID-10 F90.0, transtorno hipercinético, distúrbios da atividade e da atenção, apresentando dificuldade de aprendizado, linguagem e agitação; aluna com dificuldade de locomoção, CID-10 F70, F90 e G40.9 com quadro de atraso de neurodesenvolvimento e

epilepsia, associado a sintomas de ansiedade, agitação e compulsão alimentar; aluno com CID 10 Transtorno mental crônico em tratamento, apresentando pouca estabilidade no quadro clínico; aluno cadeirante matriculado, que não está frequentando a Classe, apresenta CID-10 F71 déficit intelectual moderado, paralisia cerebral paraplégica G80 e F84 transtorno de espectro autista; aluna com dificuldade de compreensão e retenção do conteúdo, apresentando atenção seletiva, alternada e sustentada muito baixa, de acordo com relatório de aprendizagem; aluno que apresenta CID 10 F71 atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, CID-10 F90 transtorno hiperkinético CID-10 F33 e transtorno depressivo do humor; aluna com CID E230/ F81 hipopituitarismo, associado a baixa estatura, dificuldade de aprendizado, baixa compreensão e atraso no desenvolvimento cognitivo; aluno com CID-10 F80 transtorno específico do desenvolvimento habilidade escolar, transtorno específico de leitura; aluno com CID F79 quadro de imaturidade cognitiva sem etiologia definida; aluno com CID F71/ Q90 síndrome de Down associado à apraxia da fala e aluno com CID F840 transtorno do espectro autista nível 2.

DESCRIÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

As intervenções foram divididas em 3 aulas de Tecnologia Educacional na Classe Especial, o tema escolhido para as aulas foi a Educação Socioemocional, tendo em vista o contexto vivenciado com os alunos e a proposta de intervenção utilizando os recursos digitais.

Na primeira aula, foi feita uma roda de conversa com os alunos, em que utilizamos um dado com perguntas sobre as emoções em diferentes situações da vida deles.

Uma das perguntas foi “Do que você tem medo?” e sobre esta, alguns contaram que têm medo do escuro, que não conseguem dormir sozinhos e dormem com a mãe, alguns têm medo de serem abandonados, ficarem sozinhos.

Outra pergunta presente no dado foi “Você tem animal de estimação?” e eles ficaram contentes contando dos animais que tinham em casa e de como cuidavam. Nesta conversa foi possível compreender o quanto eles se sentem valorizados por se sentirem capazes de cuidar dos animais e receber carinho deles.

Em outra pergunta “Do que você mais gosta?”, alguns responderam que gostam de passear no parque com familiares e um dos alunos disse que o que mais gosta é das aulas de tecnologia.

Após a atividade de mobilização: questões sobre as emoções, foi contada a história infantil “O monstro das cores”, escrita por Llenas (2018), em que o monstro faz uma confusão com as emoções e precisa organizá-las para funcionarem direito. Todos os alunos prestaram atenção e interagiram durante a história.

Em outro momento da aula, fizemos um rodízio com jogos desplugados, que são aqueles sem uso de dispositivos eletrônicos e plugados, com dispositivos eletrônicos, de modo a conseguir atender a todos em grupos e individualmente.

Os jogos desplugados são essenciais para o desenvolvimento do pensamento computacional, especialmente nos primeiros anos (Brasil, 2022). Para esta atividade, o jogo

REVISTA APROXIMAÇÃO — VOLUME 07. NÚMERO 15. — JUL-DEZ 2025
ISSN: 2675-228X — GUARAPUAVA - PARANÁ - BRASIL

Figura: Jogo baseado no Livro O monstro das cores



Figura: Jogo baseado no Livro O monstro das cores

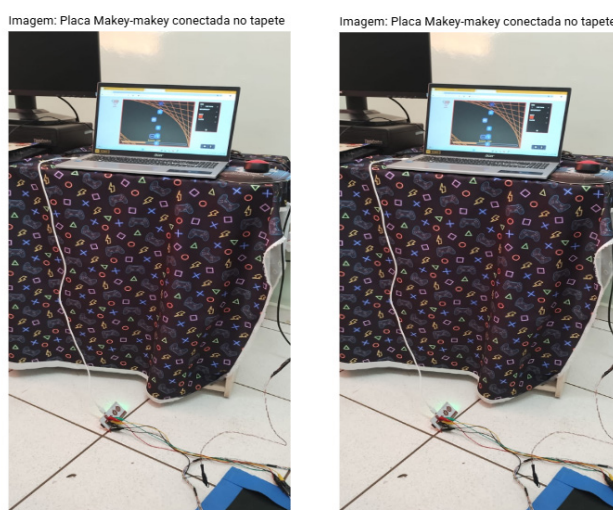


Fonte: Elaborado pelas autoras

Para esta atividade os alunos necessitaram de intervenção, de modo a criarem iniciativa para partilhar com o colega, alguns apresentaram dificuldades na organização dos pensamentos e da fala. Com intervenção eles conseguiram interagir uns com os outros. Todos jogaram as atividades digitais selecionadas no Wordwall no tablet. Os jogos serviram para enfatizar e memorizar as emoções, por isso foram incluídos: jogo da memória, questionário com o monstro da história e a imagem de pessoas com as emoções de modo a identificarem cada uma delas. Jogo de caça-palavras com as emoções, de modo a identificarem as palavras correspondentes a cada emoção. Alguns precisaram de intervenção para encontrar as palavras no caça-palavras.

Na segunda aula, foram utilizados diferentes recursos digitais como a placa de programação *Makey-makey*, o óculos de Realidade Virtual VR e a mesa interativa. A placa *Makey-makey* é uma proposta *maker* para que os alunos construam com autonomia um possível teclado, utilizando de recursos condutores de energia, alguns recursos como: massa de modelar, água, grafite do lápis, papel alumínio entre outros. Precisamos conectar o cabo jacaré na placa e no teclado construído, observando as direções (programação) construídas.

Figura 2: Placa Makey-makey conectada ao tapete



Fonte: Elaborado pelas autoras

O tapete de dança foi construído utilizando as partes de um computador, conectamos a placa ao computador no jogo disponibilizado pelo site da *Makey-makey* ou em outros jogos que as crianças podem construir também. Os alunos interagiram com o tapete e entenderam os comandos e a sequência da dança, alguns tinham mais dificuldade, mas participaram da atividade.

Figura 3: Tapetes com partes de um computador

Imagem: Tapete com partes de um computador Imagem: Tapete com partes de um computador



Fonte: Elaborado pelas autoras

Outro recurso utilizado foram os óculos de Realidade Virtual VR. Os óculos de Realidade Virtual possuem sensores que, por meio de imagens e sons, dão a sensação de estar no lugar ou no espaço, permitindo a interação com os objetos e cenários. Utilizamos vídeo 360° para que as crianças conheçam e visitem ambientes sem sair do lugar. Dois vídeos foram selecionados, apresentando as emoções na escola e montanha russa das emoções. No vídeo das emoções da escola é como se eles estivessem entrando na escola e as emoções vão surgindo, ao visualizar é como se eles estivessem vivenciando as emoções. O outro vídeo da montanha russa é no ambiente de um parque, as emoções vão surgindo conforme vão se movimentando, para eles é como se estivessem dentro do carrinho da montanha russa.

Os alunos gostaram muito desta experiência e tiveram diferentes reações, teve um que gritou, outro que ficava se mexendo como se estivesse tocando no ar (a sensação de estar no lugar), outros riram, mas eles queriam utilizar os óculos mais de uma vez.

Figura 4: Óculos VR



Fonte: Elaborado pelas autoras

Na mesma aula, utilizou-se a mesa interativa, esta que é um recurso digital que chegou recentemente na escola para o laboratório de tecnologia. O manual informou que ela se apresenta como Educa Nave e tem diferentes ambientes compostos por planetas, cada planeta contém leitura e jogos digitais interativos. Um dos planetas da Educa Nave é o “Planeta das emoções” e os alunos puderam interagir com a história e com alguns jogos digitais: tomada de decisões, evitando conflitos, comunicação não violenta e trilha de atitudes.

Figura 5: Mesa Interativa



Fonte: Elaborado pelas autoras

Os alunos também gostaram muito deste recurso e conseguiram manter a concentração e o foco durante todo o tempo. Os jogos instigavam a reconhecer e refletir sobre as emoções em diferentes situações. Todos os alunos se envolveram e participaram da atividade.

Na terceira aula, como encerramento da sequência didática foi passado o filme *Divertidamente 2*, no início da aula lembramos das emoções que já existiam desde bebê, que eram a raiva, a alegria, o medo, o nojo e a tristeza. Neste filme a Riley agora é adolescente e se depara com outras emoções como a vergonha, ansiedade, tédio, inveja, vivendo outras aventuras. Somente um dos alunos não conseguiu ficar concentrado no filme, os outros todos prestaram atenção e estavam interessados no decorrer da aula.

Foram entregues as lembrancinhas, que foram criadas utilizando as emoções do filme em uma bula de remédio, com orientações sobre o controle e o uso de cada uma delas, conversando sobre cada uma das emoções e eles compreenderam cada uma como parte da gente que deve ser controlada.

ANÁLISE DA PRÁTICA

Ao concluir a intervenção pedagógica, percebeu-se que os alunos responderam aos objetivos das aulas de maneira satisfatória, considerando suas dificuldades, a conversa do início da sequência didática mostrou os avanços nas formas de expressão e interação social, que não se percebia muito no contexto da turma.

Outro avanço foi a compreensão de sequência de comandos e lateralidade, ao interagir com a placa de programação *Makey-makey* e com a mesa interativa. Conseguiram respeitar a vez do colega e interagir jogando em grupos, ajudando os colegas quando necessário. Percebemos que nossas ações podem transformar a vida de outras pessoas e podemos melhorar a cada dia de modo a controlar impulsos e sentimentos negativos.

Os alunos se sentiram capazes de realizar as atividades, o que é fundamental para eles e é a partir disso que conseguem avançar e superar suas limitações. Não podemos reforçar o que não conseguem, pois assim reforçamos a acomodação deles e o sentimento de não pertencimento social. As ações, neste sentido, focaram nas potencialidades, nos interesses e contribuíram mais com o seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final deste trabalho podemos destacar que proporcionou muitas reflexões sobre a prática na Classe Especial na escola, obtendo uma visão diferenciada sobre a sua implementação, de modo a atender às necessidades especiais específicas apresentadas pelos alunos que a compõem promovendo sua reintegração ao ensino regular, de modo significativo e real.

Destacamos a importância de trabalhar com diferentes recursos digitais com alunos que apresentam diferentes deficiências, porque estes possuem estímulos visuais, auditivos, sinestésicos (por meio do toque) permitindo aprender de forma interativa e significativa. Sabemos que a superação das dificuldades individuais é um processo que exige tempo,

paciência e consciência das limitações de cada aluno que frequenta a classe especial. A tecnologia, neste contexto, pode ser aliada na construção do ensino e aprendizagem destes alunos.

A prática desenvolvida sobre a Educação socioemocional, utilizando os diferentes recursos digitais pode contribuir para a reflexão, consciência, ações e tomada de decisão das crianças com relação a diferentes situações de convívio social e respeito às diferenças neste processo de inclusão escolar. As discussões acerca da inclusão ainda estão longe de serem esgotadas, a escola precisa de mais apoio e ações concretas nesta direção, por meio do governo, profissionais especializados e sociedade em geral, pois é um processo coletivo que depende de todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Normas sobre Computação na Educação Básica**: complemento à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2022.

GUARAPUAVA. Secretaria Municipal de Educação e Cultural. **Referencial Curricular de Guarapuava**: Ensino Fundamental anos iniciais e anos finais, volume IV. Guarapuava, SEED, 2024a.

GUARAPUAVA. **Referencial Curricular de Guarapuava**: Princípios para o Ensino Fundamental - Competência Computação / Tecnologia Educacional. Guarapuava, SEED, 2024b.

GUARAPUAVA. **Projeto Político Pedagógico**. Guarapuava: SEED, 2024.

LLENAS, A. **O Monstro das cores**. Belo Horizonte: Aletria, 2018.

MONTOAN, M. T. E. Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão. In: CLAUS, S., MOSQUEIRA, J. M. (Orgs). **Educação Especial**: em direção a educação inclusiva. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ROGALSKI, S. M. Histórico do surgimento da Educação Especial. **Revista de Educação do Ideau**. Alto Uruguai, v. 5, n. 12, 2010.